

O USO E A DEPENDÊNCIA DO *SMARTPHONE* NA POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE SALVADOR - BA

Bruna Santos dos Santos¹
Thalita Caires Vieira²
Daniela Campos Bahia Moscon³

Resumo

O presente trabalho objetivou caracterizar o uso dos *Smartphones* e investigar possíveis níveis de dependência na população universitária. Para isso, foi utilizado um questionário sociodemográfico para traçar o perfil dos usuários, adaptado com perguntas que auxiliem na caracterização do uso de tais equipamentos, além da adaptação do SPAI-BR - *Smartphone Addiction Inventory* (KHOURY, 2016), instrumento que pode ser utilizado para investigar dependência de utilização de *smartphone* em qualquer grupo de pessoas na população brasileira, e avalia 4 fatores para dependência de *Smartphone*: Comportamento Compulsivo, Comprometimento Funcional, Abstinência e Tolerância. Apesar dos resultados não serem suficientes para caracterizarem um perfil dependente dessa amostra, pôde-se perceber a funcionalidade do dispositivo e os benefícios do uso diário da população investigada, sugerindo-se a realização de mais estudos e pesquisas em populações heterogêneas.

Palavras-chave: Dependência; *Smartphone*; Universitários.

Abstract

The present work intends to characterize the use of smartphones and to investigate possible dependence levels in the university population. For this, a sociodemographic questionnaire was used to trace user profiles, adapted with questions that assist in the characterization of the use of such equipment, beyond the adaptation of SPAI-BR — Smartphone Addiction Inventory (KHOURY, 2016), tool that can be used to make investigate smartphone use dependence in any group of people in the Brazilian population, and evaluate four factors of smartphone dependence: Compulsive Behaviour, Functional Commitment, Abstinence and Tolerance. Although the results are not sufficient to characterize a dependent profile from this sample, one could see the functionality of the device and the benefits of daily use of the investigated population, suggesting further studies and research among heterogeneous populations.

Keywords: Dependency; *Smartphone*; College Students.

1 INTRODUÇÃO

O termo *Smartphone* surgiu no ano 2000 e pode ser conceituado pela sua tradução do inglês como “Telefone Inteligente”. O surgimento dos *smartphones* revolucionou e transformou a maneira como as pessoas se relacionavam com aparelhos eletrônicos, com outras pessoas e com o mundo, e, esse dispositivo continua sendo cada vez mais utilizado até os dias de hoje.

Segundo dados da *International Data Corporation* (2018) empresa líder em inteligência de mercado e consultoria nas indústrias de tecnologia da informação,

1 Graduanda em Psicologia pela Universidade Salvador (UNIFACS), 10º Semestre. E-mail: brunasantos.psi@outlook.com

2 Graduanda em Psicologia pela Universidade Salvador (UNIFACS), 10º Semestre. E-mail: thalitacaires.psi@gmail.com

3 Docente em Administração na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Administração pela UFBA (2013). E-mail: danielamoscon@yahoo.com.br

telecomunicações e mercados de consumo em massa de tecnologia, em 2017 foram vendidos 47.700 milhões de aparelhos, crescimento de 9,7% em relação a 2016 e apenas 6.800 milhões a menos do que em 2014, até agora o melhor ano de vendas de *smartphones* no país. Esses dados mostram que a utilização desses aparelhos vem crescendo significativamente no Brasil.

Não é novidade também que esses dispositivos móveis se fazem necessários no dia a dia das pessoas para fazer coisas simples como consultar o calendário ou coisas mais complexas como uma vídeo-chamada para resolver problemas referentes ao trabalho. Essa necessidade e aumento da utilização do celular pode colaborar para um uso desadaptativo ou uma relação de dependência com este equipamento.

Segundo Elhai et al. (2016 *apud* MOROMIZATO et al, 2017), a dependência pode ser entendida pelo comportamento compulsivo na busca de sentimentos positivos, com objetivo de melhorar o humor, que pode ser prejudicial ou adaptativo.

Sendo assim comportamentos que produzem prazer, com capacidade de alterar o humor e a consciência, associados a um padrão de uso excessivo, com consequências negativas em uma esfera importante da vida, relacionados ao uso de internet, podem ser facilmente associados à definição de dependência. Esses critérios diagnósticos citados acima, são alguns dos critérios sugeridos por Young e Abreu (2011) para designar a dependência relacionada ao uso de *smartphones*.

O Manual Diagnostico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM, na sua 5ª edição, declara ainda não haver estudos substanciais no que diz respeito a transtornos que caracterizem relações de dependência comportamental, como é o caso de implicações patológicas referentes ao uso de *smartphones* e internet (APA, 2014).

Entretanto, Young e Abreu (2011) mostram que em seus estudos já foram encontrados alguns termos para tratar do uso excessivo de internet e/ou *Smartphone* como: transtorno de dependência de internet, uso patológico de internet, abuso de internet, comportamento possibilitado pela internet, uso compulsivo de internet, compulsão de mídia digital e dependência virtual (YOUNG; ABREU, 2011).

Esses mesmos autores também utilizaram um algoritmo para estabelecer o que vem a ser uma relação de dependência com um objeto que é o DIAR (GREENFIELD, 2009 *apud* YOUNG; ABREU, 2011), que representa: o desejo de parar, a incapacidade de parar, as tentativas de parar (*attempts*) e a recaída. O autor observou que esse padrão está presente na maioria das dependências.

Como mostram os dados da International Data Corporation (2018), citados anteriormente, o número de usuários de *smartphones* tem crescido a cada ano, porém, segundo Head e Ziolkowski (2012 *apud* KHOURY, 2016), os estudantes universitários são o grupo que mais utilizam o produto. Isso acontece porque esse dispositivo passou a fazer parte da vida dos acadêmicos, não somente pelo acesso à internet, mas pelas diversas outras funções disponíveis no aparelho que permitem estabelecer relações sociais, acesso à entretenimento e a busca de informação de maneira muito rápida (KHOURY, 2016).

Diante do crescimento notório de aquisição e utilização substancial de *Smartphones* no cotidiano das pessoas, surge um questionamento: Existe uma relação de dependência por uso de *smartphones* na população universitária? Sendo assim, o objetivo desse trabalho é compreender a dependência de *smartphone* na população universitária de Salvador - Ba.

Pelo fato dos estudantes universitários serem o público que mais utiliza o *smartphone*, faz-se importante a realização desse estudo. Para isso, buscar-se-á fazer um levantamento das características do público-alvo e identificar os benefícios e os prejuízos do uso. Adquirir conhecimento sobre essa temática também é importante para auxiliar na prevenção de uma possível relação de dependência e assim desenvolver mecanismos para lidar com o uso excessivo. E por fim, o aumento de abordagens sobre esse assunto pode contribuir para mais estudos que possam compor os critérios nosológicos para classificação correta desse fenômeno emergente.

2 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO CELULAR

O desenvolvimento do telefone celular começou a ser pensado em 1947, mas pode-se considerar que a história deste aparelho se iniciou apenas em 1973 quando foi efetuada a primeira chamada telefônica do protótipo de um telefone móvel, o DynaTAC 8000x, para um telefone fixo. Este modelo, desenvolvido por Martin Copper, engenheiro da Motorola, passou a ser comercializado em 1983, tinha 33 centímetros de comprimento, pesava em torno de 800 gramas, possuía uma bateria com baixíssima autonomia e tinha como única função efetuar ligações. Devido ao seu tamanho e peso, este não era um celular tão portátil, e a maioria deles eram instalados em carros. Com o objetivo de facilitar o transporte do celular e proporcionar um “telefone de bolso”, a Motorola lançou em 1989 o MicroTAC 9800x, que por sua vez, possuía 22 centímetros e metade do peso do modelo anterior (JORDÃO, 2009; MICROLINS, 2017).

O primeiro telefone celular considerado um *smartphone* foi desenvolvido pela IBM em 1992, possuía tela *touchscreen* (sensível ao toque) e permitia que os seus usuários enviassem e recebessem mensagens de fax e e-mails, além de apresentar ferramentas como calendário, calculadora e bloco de notas. No entanto, apenas em 2000, no lançamento do celular R380 da empresa Ericsson, o termo *smartphone* foi utilizado pela primeira vez, apesar do Nokia 9000 Communicator, lançado um ano antes, ter ficado conhecido como o primeiro *smartphone* por excelência, ou seja, com alto número de vendas e sucesso de críticas (MICROLINS, 2017; COUTINHO, 2014).

No ano de 2007, a *Apple* revolucionou o mercado de dispositivos móveis e marcou o início de uma nova era ao lançar o *iPhone 2G*, o primeiro *smartphone* da empresa, que se tornou uma referência de formato e aplicações para estes aparelhos, utilizado até os dias atuais. Este modelo trouxe o diferencial de não possuir teclados físicos, que foram substituídos pela versão na tela *touchscreen*, e com ele surgiram também os aplicativos, que possibilitaram uma infinidade de usos para o telefone celular (MICROLINS, 2017; COUTINHO, 2014).

O termo *smartphone* em sua tradução do inglês quer dizer “telefone inteligente”, e faz jus à alta tecnologia que esses aparelhos possuem. Ao longo do seu desenvolvimento o telefone celular foi se modernizando, o seu tamanho e peso foram reduzidos, as telas monocromáticas deram lugar aos visores com escala de cinza que por fim, evoluíram para as telas coloridas e sensíveis ao toque (*touchscreen*); o celular também deixou de ser utilizado apenas para realizar ligações, e adquiriu diversas funcionalidades, como fotografar, gravar e assistir vídeos, ouvir músicas, ler documentos, acessar a Internet (blog, sites, redes sociais), GPS, aplicativos de banco, jogos, entre outros (JORDÃO, 2009).

Lemos (2007) defende a ideia de que o celular hoje é muito mais do que um telefone, conceituando-o como um “Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes” (DHMCM). Isso quer dizer que:

O que chamamos de telefone celular é um *Dispositivo* (um artefato, uma tecnologia de comunicação); *Híbrido*, já que congrega funções de telefone, computador, máquina fotográfica, câmera de vídeo, processador de texto, GPS, entre outras; *Móvel*, isto é, portátil e conectado em mobilidade funcionando por redes sem fio digitais, ou seja, de *Conexão*; e *Multirredes*, já que pode empregar diversas redes, como: Bluetooth e infravermelho, para conexões de curto alcance entre outros dispositivos; celular, para as diversas possibilidades de troca de informações; internet (Wi-Fi ou Wi-Max) e redes de satélites para uso como dispositivo GPS (LE MOS, 2007).

O *smartphone*, então, seria um telefone celular com a incorporação das funções de computadores (PICON et al, 2015). Por conta dessas múltiplas funcionalidades, da sua mobilidade e ubiquidade (poder estar em todo lugar), o *smartphone* está sempre com o seu usuário nos mais diversos lugares e situações, seja para questões de trabalho, estudos, lazer e entretenimento, podendo ser considerado como uma extensão do homem, um aparato tecnológico que se molda de forma praticamente simbiótica com o seu usuário (BAMBOZZI, 2009; MCLUHAN, 1999 *apud* COUTINHO, 2014).

3 A DEPENDÊNCIA DO SMARTPHONE

A dependência pode ser entendida pelo comportamento compulsivo na busca de sentimentos positivos, com objetivo de melhorar o humor, que pode ser prejudicial ou adaptativo (MOROMIZATO; FERREIRA; SOUZA et al., 2017). Assim sendo, é possível dizer que, se a relação de dependência que se estabelece com um objeto tiver como resultado a adaptação do sujeito à alguma situação ou evento, essa dependência pode ser pensada de maneira positiva.

É verdade que nos dias atuais “dependemos” do celular para muitas coisas, e isso é confirmado pelos benefícios e os aspectos positivos do seu uso. Para Khoury (2016), o *smartphone* é uma ferramenta muito importante para a manutenção das relações sociais, a comunicação e a adaptação das exigências da contemporaneidade. Estudos em diversas áreas mostram muitos benefícios do uso de *smartphones* como auxiliar na abordagem da dependência química, diabetes, asma, transtornos alimentares e transtornos de ansiedade; para o acompanhamento para a perda de peso; reeducação alimentar e o incentivo à prática de exercícios físicos (KHOURY, 2016).

Em contrapartida, o uso excessivo do dispositivo, pode trazer vários prejuízos para os usuários como: distúrbios do sono; sintomas ansiosos; sintomas depressivos; dificuldade de concentração; dificuldades na faculdade e no trabalho; dores em várias partes do corpo como pescoço, punho, costas e problema visuais; diminuição de atividades físicas, que pode ser entendida como sedentarismo; problemas financeiros; uso perigoso (enquanto dirige ou atravessa a rua); uso proibido (em áreas nas quais esse comportamento não é permitido, como em bancos por exemplo); comportamentos agressivos por meio do *smartphone* (cyberbullying); e dependência de *smartphone* (KHOURY, 2016).

Essa relação de dependência, consequente do uso excessivo do aparelho pode ser chamada de Nomofobia, ou medo inexplicável de estar afastado do celular (KHOURY, 2016). A Nomofobia ainda pode ser definida como: ansiedade, desconforto ou mesmo à irritabilidade manifestados em um indivíduo quando o mesmo se encontra longe de seu aparelho celular (PICON et. al. 2015).

Gliotti e Guimarães (2007) destacam o conceito de “Síndrome de Dependência do Álcool” proposto por Edwards e Gross a partir de três pressupostos básicos, por serem escritas de maneira não específica, também podem ser usados para se referir à outras dependências como a de *smartphone* por exemplo.

Em primeiro lugar, a dependência é considerada uma síndrome nosológica, ou seja, um agrupamento de sinais e sintomas que se repetem com certa frequência, sem, no entanto, haver uma causa única ou recorrente. Em segundo lugar, tal síndrome se organiza dentro de níveis de gravidade e não como um absoluto categórico. Essa noção é extremamente importante, pois se deve buscar não um sintoma característico e patogênico, mas uma série deles, considerando sua intensidade ao longo de um *continuum* de gravidade. E terceiro, a síndrome de dependência é moldada por outras influências, capazes de predispor, potencializar ou bloquear sua manifestação.

Sendo assim comportamentos que apresentam sinais e sintomas que se repetem com frequência, que pode ser dividido em níveis de gravidade e que são moldados por diversas influências, já que não possuem uma causa única, manifestam uma relação de dependência. Para Young e Abreu (2011), comportamento que produzem prazer, com capacidade de alterar o humor e a consciência, associado à um padrão de uso excessivo, com consequências negativas em uma esfera importante da vida, relacionados ao uso de internet, podem ser facilmente associados à definição de dependência e para esses autores, são critérios diagnósticos utilizados para designar a dependência relacionada ao uso de *smartphones*.

Young e Abreu (2011), utilizaram um algoritmo para estabelecer o que vem a ser uma relação de dependência com um objeto que é o DIAR (GREENFIELD 2009 *apud* YOUNG; ABREU, 2011), que representa: o desejo de parar, a incapacidade de parar, as tentativas de parar (*attempts*) e a recaída. Os autores observaram que esse padrão está presente na maioria das dependências e as utilizaram para caracterizar a dependência com *smartphones*. Essas características são utilizadas para avaliar diversas dependências, inclusive dependência de substâncias psicoativas.

Ainda com relação à dependência de substâncias psicoativas, o CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) define a Dependência Química como sendo um conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e psicológicos resultante do uso de determinada substância, apesar de problemas significativos relacionados ao uso da mesma. Porém, Picon et al. (2015), trazem a definição da Dependência de Tecnologia, que também pode ser estendida para o uso de *smartphones*, como sendo um transtorno caracterizado pela inabilidade de controlar o uso de tecnologia, que inclui dispositivos móveis, mesmo que esse uso já esteja resultando em impactos negativos nas principais áreas de vida do indivíduo como em relacionamentos interpessoais, saúde física, desempenho acadêmico ou no trabalho.

Lin et al. (2014), utilizaram quatro fatores para compor um conceito de dependência de *smartphone*, que são estes: Comportamento Compulsivo, Comprometimento Funcional, Abstinência e Tolerância.

O Comportamento Compulsivo tem sido considerado o núcleo de vício, e tem sido amplamente medido em indivíduos com a dependência de álcool e o vício da internet. Sendo assim, o comportamento compulsivo de *smartphones* é identificado quando o uso não pode ser parado mesmo quando o indivíduo viciado é ciente das consequências negativas.

Já o Comprometimento Funcional é como um tipo de condição que inibe uma pessoa do funcionamento normal, ou seja, é uma série de complicações que impedem que a pessoa possa realizar atividade esperadas em diversas áreas de vida. Isso torna-se bastante possível de acontecer, quando pessoas que fazem o uso disfuncional de *smartphones* deixam de realizar atividades necessárias para o bom funcionamento de sua rotina para estarem mais tempo conectadas.

A Abstinência por sua vez, que também pode ser traduzida para “retirada”, é para este mesmo autor um sintoma especial para o uso de Smartphone, e isso é descrito como um sintoma único por causa da sua portabilidade e a possibilidade de levar o aparelho celular para todo lugar. No CID-10 (Classificação Internacional de Doenças), o conceito de abstinência, usado para se referir ao uso de substâncias psicoativas, é descrito como: um conjunto de sintomas que se agrupam de diversas maneiras e cuja a gravidade é variável e acontece quando ocorre uma retirada absoluta ou relativa de uma substância psicoativa consumida de modo prolongando e seu início e evolução são limitadas no tempo, dependendo da dose consumida imediatamente antes da parada ou redução do consumo. Já para Lin et al. (2014), em geral, os sintomas de retirada, para o caso de uso de *Smartphone*, não ocorrem imediatamente depois de parar.

Já a Tolerância foi definida como estar “sempre tentando controlar o uso de *smartphone*, mas sem obter êxito”, similar ao do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (APA, 2014). Assim, a tolerância no uso de *smartphones* do vício de internet ou uso de substâncias (álcool ou drogas) apresentam pontos em comum, já que em ambos os casos os indivíduos geralmente não são cientes que têm desenvolvido uma tolerância. Os sintomas da tolerância no vício de smartphones raramente podem ser identificados e para sua determinação é necessário conhecer a história de vida do paciente.

Sabe-se ainda que os jovens, especialmente os estudantes universitários, são os maiores consumidores do aparelho. A frequência do uso pode ser explicada por causa dos benefícios e da funcionalidade que o *smartphone* dispõe como: estabelecimento de relações sociais, várias formas de entretenimento e a busca de informações de maneira mais rápida (KHOURY, 2016).

Sendo assim, é visto o quanto uma investigação sobre o uso do *smartphone* por estudantes universitários é importante, já que os altos números de aquisição de aparelhos e a praticidade e capacidade de resolução de problemas do cotidiano que o equipamento dispõe, torna o seu uso bastante convidativo. Entender também se esse uso constante e supostamente necessário, pode ser compreendido como uma relação de dependência, para que a partir daí os usuários desse dispositivo tecnológico, possa refletir sobre a maneira que tem usado o aparelho, e, se perceber o uso disfuncional, desenvolver estratégias para lidar com excesso de uso, já que até o período de elaboração dessa pesquisa não existem critérios nosológicos para a classificação e conseqüentemente não há tratamentos, intervenções clínicas ou farmacológicas que possam ser utilizadas para intervir na relação que o usuário passou a estabelecer com o *smartphone*.

4 MÉTODO

O presente estudo constitui-se de uma pesquisa aplicada, de caráter exploratório e descritivo, em que foi realizado um levantamento (*Survey*) com estudantes universitários de Salvador acerca do uso e dependência do *Smartphone*.

A coleta de dados foi realizada através do Google Forms, ferramenta de formulários on-line da empresa Google, e dividiu-se em 3 partes: 1º) questionário sociodemográfico, com o objetivo de caracterizar a população público-alvo da pesquisa; 2º) questionário para caracterizar a utilização do *smartphone* por essa população; 3º) versão adaptada do Inventário

de Adicção por Smartphone (*Smartphone Addiction Inventory – SPAI*) para rastrear a dependência de *smartphone* na população investigada.

O formulário foi compartilhado no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, alcançando uma amostra de 100 estudantes das universidades públicas e privadas de Salvador - BA, tendo como critérios de inclusão ser universitário de Salvador - BA e utilizar o *smartphone*, e como critério de exclusão não ser universitário e/ou não utilizar o aparelho.

Neste estudo, foi utilizada a versão traduzida e adaptada do SPAI, o SPAI-BR. A escala SPAI-BR possui 26 itens e é subdividida em quatro sub-escalas que mensuram os construtos “comportamento compulsivo”, “comprometimento funcional”, “síndrome de abstinência” e “síndrome de tolerância”. Para esta pesquisa, o SPAI-BR foi transformado do formato dicotômico para a escala *Likert* de cinco pontos, em que os participantes são orientados a escolher a resposta mais apropriada entre as opções apresentadas, como “discordo totalmente”, “discordo parcialmente”, “não concordo nem discordo”, “concordo parcialmente” e “concordo totalmente”.

A análise de dados foi realizada de forma quantitativa, relacionando os dois instrumentos e identificando se a amostra possui uma dependência do aparelho, e se essa dependência é disfuncional ou adaptativa, classificando este uso a partir da literatura.

Cada um dos sujeitos recebeu explicações sobre o estudo e a importância da sua colaboração para melhor aproveitamento dos dados, sendo assegurados a confidencialidade e o anonimato das informações, bem como todos os princípios éticos determinados pela Resolução 466/2012, do Ministério da Saúde para pesquisa envolvendo seres humanos. Em seguida, após a concordância do participante, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Perfil da amostra

Através da Plataforma Google Forms, foram obtidas 156 respostas de estudantes universitários. Conforme descrito na Tabela 1, dentre os 156 universitários pesquisados neste estudo, 75,5% são pessoas do gênero feminino, 23,7% do gênero masculino, e um dos participantes identifica-se como gênero não-binário.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos da amostra

Dados	Número de participantes	(%)
Gênero		
Feminino	118	75,6%
Masculino	37	23,7%
Outros		
Não-binário	1	0,6%
Idade		
18 – 24 anos	108	69,2%
25 – 29 anos	30	19,2%
30 – 39 anos	14	9%
40 – 52 anos	4	2,6%
Estado Civil		
Solteiro	137	87,8%
Casado(a)	14	9%
União estável	3	1,9%
Divorciado(a)	2	1,3%
Viúvo(a)	0	0%
Quantidade de filhos		
Nenhum	143	91,7%
Um	7	4,5%
Dois	5	3,2%
Três ou mais	1	0,6%
Renda Familiar (Salário Mínimo – S.M.)		
Até 2 S.M.	39	25%
2 a 4 S.M.	56	35,9%
5 a 10 S.M.	47	30,1%
11 a 20 S.M.	9	5,8%
Acima de 20 S.M.	5	3,2%
Áreas do Curso de Graduação		
Administração, negócios e serviços	30	19,2%
Artes e Design	10	6,4%
Ciências Biológicas e da Terra	1	0,6%
Ciências Exatas e Informática	2	1,3%

Ciências Sociais e Humanas	14	9%
Comunicação e Informação	2	1,3%
Engenharia e Produção	6	3,9%
Saúde e Bem-Estar	91	58,3%
Atividades além da faculdade		
Nenhuma	64	41%
Trabalho	43	27,6%
Estágio	39	25%
Outras	10	5,4%

Fonte: Dados da pesquisa.

A faixa etária prevalente é de 18 – 24 anos, com 69,2% dos participantes, seguida pela faixa etária de 25 – 29 anos com 19,2%, o que era esperado, por se tratar de um público universitário, e a maioria dos universitários se enquadrarem nesse perfil.

5.2. Caracterização do uso

A partir dos dados coletados, constatou-se que o local em que os universitários mais utilizam o *smartphone* é em casa, seguido pela faculdade com as médias, respectivamente, 4,65 e 4,04 (Tabela 2). Sendo assim é possível pensar que o celular tem tomado o lugar ou espaço de lazer, já que os usuários tendem a ficar em casa utilizando o dispositivo ao invés de estarem participando de outras atividades. O alto índice de uso do dispositivo na faculdade pode comprometer o desempenho em sala de aula, nas avaliações e participação no processo de ensino e aprendizagem.

Tabela 2 – Locais em que mais utilizam

Locais em que mais utiliza	Média
Em meios de transporte (ônibus, metrô, táxi, etc.)	2,40
Trabalho/Estágio	2,83
Lugares Públicos	3,29
Faculdade	4,04
Casa	4,65

Fonte: Dados da pesquisa.

O momento em que os universitários mais utilizam o *smartphone*, apresentado na Tabela 3, é antes de dormir, com a média de 4,29, seguido pelos momentos livres, com 3,87 e pelo momento em que acordam com 3,80. Conforme já foi dito anteriormente o uso disfuncional pode causar problemas com o sono (KHOURY, 2016), então esses altos índices, tanto “antes de dormir” quanto “ao acordar” podem estar atuando na qualidade do sono desses usuários.

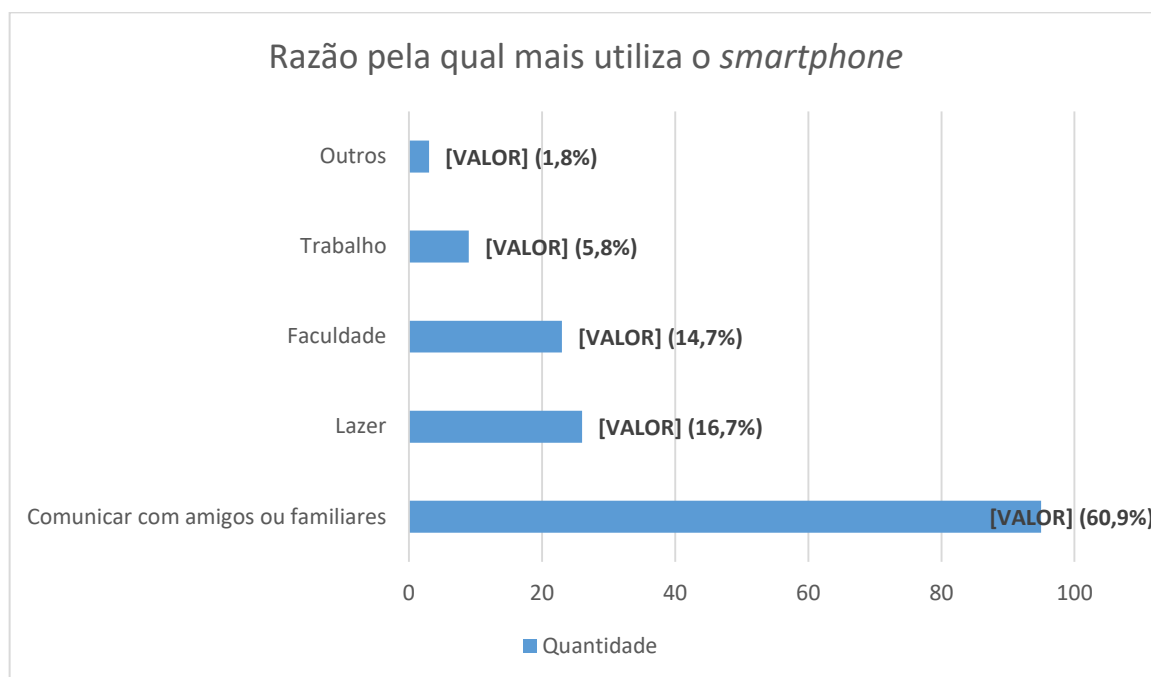
Tabela 3 – Momentos em que mais utilizam

Momentos em que mais utiliza	Média
Antes de dormir	4,29
Ao acordar	3,80
Durante as refeições	3,33
Momentos de lazer (festas, shows, cinema, praia, etc.)	2,98
Em filas de espera (ônibus, banco, supermercado, etc.)	3,03
Em todos os momentos livres	3,87
Estabelece momentos para usar	2,24

Fonte: Dados da pesquisa.

O menor score foi para a questão que afirma que os universitários estabelecem momentos para utilizar o *smartphone*, demonstrando que esse uso não é controlado, estando à mercê do desejo de utilizá-lo.

Gráfico 1



Fonte: Dados da pesquisa.

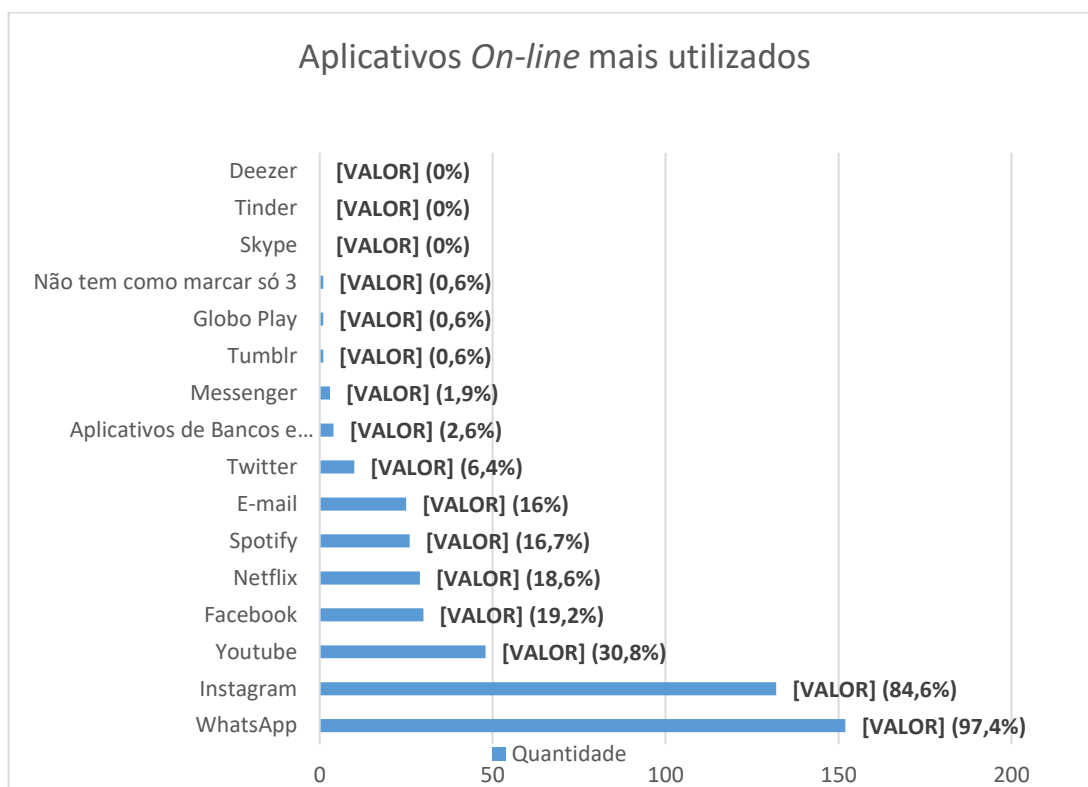
Quando questionados sobre a razão pelo qual mais utilizam o *smartphone* (Gráfico 1), a comunicação com amigos e familiares obteve a prevalência de 60,9%.

Relacionando com os aplicativos e recursos *On* e *Off-line* mais utilizados, o WhatsApp – aplicativo *on-line* de mensagens instantâneas, chamada de voz e vídeo –, foi escolhido por 97,4% dos universitários (Gráfico 2), enquanto as tradicionais Chamada de Voz e Mensagem de Texto, são mais utilizadas, respectivamente, por apenas 15,4% e 2,6% da amostra (Gráfico 3), percebendo-se que apesar da principal função do celular permanecer a mesma, a forma como essa comunicação ocorre se modernizou.

A segunda principal razão pela qual os universitários utilizam o *smartphone* é para o lazer (16,7% - Gráfico 1), o que pode ser justificado pela prevalência de uso dos aplicativos Instagram (84,6%), Youtube (30,8%), Facebook (19,2%), Netflix (18,6%) e Spotify (16,7%), que são mais utilizados com essa finalidade.

A terceira razão pela qual os universitários mais utilizam o *smartphone*, conforme consta na tabela, é por conta das demandas próprias da faculdade (14,7%). A busca de informações de maneira mais rápida (KHOURY, 2016) é um dos benefícios do uso de *smartphone* e é também um recurso muito utilizado para se obter êxito no contexto acadêmico.

Gráfico 2



Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os aplicativos *online* mais utilizados, foi solicitado que se elessem 3 deles. Os mais votados foram *WhatsApp* (97,4%), aplicativo de mensagens instantâneas, seguido do *Instagram*, aplicativo de divulgação, edição e armazenamento de fotos e o *Youtube*, aplicativo de compartilhamento de vídeos, respectivamente.

O *WhatsApp*, é uma ferramenta de comunicação instantânea para dispositivos móveis como *smartphones*, *tablets* e também para computadores, e o mesmo ainda disponibiliza diversos recursos de comunicação, como envio de texto, áudios, fotos, vídeos e até fazer ligações, e, além de tudo isso, a sua utilização é gratuita, sendo necessário apenas a conexão com uma rede de internet para possibilitar o uso desses serviços (KAIESKI; GRINGS; FETTER, 2015). Todos esses atributos podem explicar o uso majoritário desse aplicativo por jovens universitários, já que todas essas possibilidades de uso são úteis para facilitar e agilizar demandas próprios do mundo acadêmico como comunicação rápida e completa. Os demais aplicativos são de aquisição de informações como o *Youtube*, através do consumo dos conteúdos de vídeos divulgados que podem ser úteis para auxiliar nos estudos fora da sala de aula e o *Instagram* que pode ser utilizado para entretenimento.

Gráfico 3



Fonte: Dados da pesquisa.

Já no que diz respeito aos recursos *off-line*, os mais utilizados foram: câmera (66%), despertador (62,2%) e calendário/agenda (34%), sendo que estes dois últimos sua utilidade é clara, já que auxilia seus usuários a manter-se pontual e ainda organizar melhor a sua rotina.

Já a câmera, que foi o recurso *off-line* escolhido pela maioria dos respondentes com 66%, seu alto índice de utilização pode ser justificado pelo fato de que com a invenção do *smartphone* e seus atributos de fácil utilização, sendo a câmera um deles, por exemplo, intensificou-se a captura de imagem, pelo fato do dispositivo estar sempre ao alcance das mãos e as imagens poderem ser capturadas em fração de segundos (PIRES, 2015), e, essas imagens ainda podem ser utilizadas para fins pedagógicos e informativos sendo compartilhadas através de outros dispositivos, como por exemplo, o *WhatsApp*, que já foi citado anteriormente, já que o mesmo possui também essa utilidade.

5.3 Dependência do *smartphone*

Segundo Lin et al. (2014) a dependência de *smartphone* é caracterizada por quatro fatores, sendo eles: comportamento compulsivo, prejuízo funcional, retirada e tolerância.

Tabela 4 – Comportamento Compulsivo

QUESTÃO	MÉDIA
5. Eu me sinto disposto a usar o <i>smartphone</i> mesmo quando me sinto cansado	3,24
6. Eu uso <i>smartphone</i> durante mais tempo e/ou gasto mais dinheiro nele do que eu pretendia inicialmente	2,56
7. Embora o uso de <i>smartphone</i> tenha trazido efeitos negativos nos meus relacionamentos interpessoais, a quantidade de tempo que eu gasto nele mantém-se a mesma.	2,02
10. Eu me sinto incomodado ou para baixo quando eu paro de usar o <i>smartphone</i> por um certo período de tempo.	2,10
11. Eu não consigo controlar o impulso de utilizar o <i>smartphone</i>	2,42
18. Minhas atividades de lazer diminuíram por causa do uso do <i>smartphone</i>	1,73
20. Minha vida seria sem graça se eu não tivesse o <i>smartphone</i>	2,38
21. Navegar no <i>smartphone</i> tem causado prejuízos para a minha saúde física. Por exemplo, uso o <i>smartphone</i> quando atravesso a rua, ou enquanto dirijo ou espero algo, e esse uso pode ter me colocado em perigo	1,90
22. Eu tenho tentado passar menos tempo usando o <i>smartphone</i> , mas não tenho conseguido	2,67
MÉDIA GERAL	2,34

Fonte: Dados da pesquisa.

Na tabela 4, referente ao comportamento compulsivo, a média mais alta de 3,24, corresponde à questão que investiga se a pessoa se sente disposta a utilizar o *smartphone* mesmo quando se sente cansada, e a mais baixa, de 1,73, investiga se as atividades de lazer diminuíram por causa do uso.

Tabela 5 – Comprometimento funcional

QUESTÃO	MÉDIA
8. Em mais de uma ocasião, eu dormi menos que quatro horas porque fiquei usando o <i>smartphone</i>	2,79
12. Eu me sinto mais satisfeito utilizando o <i>smartphone</i> do que passando tempo com meus amigos	1,46
13. Eu sinto dores ou incômodos nas costas, ou desconforto nos olhos, devido ao uso excessivo do <i>smartphone</i>	2,63
15. O uso de <i>smartphone</i> tem causado efeitos negativos no meu desempenho na escola ou no trabalho	2,13
17. Minha interação com meus familiares diminuiu por causa do meu uso do <i>smartphone</i>	2,01
23. Eu tornei o uso do <i>smartphone</i> um hábito e minha qualidade e tempo total de sono diminuíram	2,62
24. Eu preciso gastar cada vez mais tempo no <i>smartphone</i> para alcançar a mesma satisfação de antes	1,75
26. Eu me sinto cansado durante o dia devido ao uso do <i>smartphone</i> tarde da noite/de madrugada	2,12
MÉDIA GERAL	2,19

Fonte: Dados da pesquisa.

A média geral de comportamento compulsivo foi de 2,34, ao contrário do que se esperava, teve baixo índice de uso desenfreado do aparelho.

A tabela 5 que avalia as questões referentes ao comprometimento funcional, obteve a menor média geral entre os 4 construtos, de 2,19, sendo o menor score da questão que avalia se a pessoa se sente mais satisfeito utilizando o *smartphone* do que passando tempo com os amigos (1,46). Uma das características da dependência de *smartphone* é o comprometimento nas áreas de vida (PICON et al, 2015), sendo assim, ao contrário do que se esperava nas hipóteses iniciais, os scores referentes à esses construto não são suficientes para demonstrar que os respondentes dessa pesquisa fazem uso de *smartphone* que comprometam áreas de vida.

Tabela 6 – Síndrome de Abstinência

QUESTÃO	MÉDIA
2. Eu me sinto desconfortável/ansioso/inquieto quando eu fico sem usar o <i>smartphone</i> durante um certo período de tempo	2,86
4. Eu me sinto inquieto e irritado quando não tenho acesso ao <i>smartphone</i>	2,65
14. A ideia de utilizar o <i>smartphone</i> vem como primeiro pensamento na minha cabeça quando acordo de manhã	3,03
16. Eu me sinto ansioso ou irritável quando meu <i>smartphone</i> não está disponível e sinto falta de algo ao parar o uso do <i>smartphone</i> por certo período de tempo	2,57
19. Eu sinto uma grande vontade de usar o <i>smartphone</i> novamente logo depois que eu paro de usá-lo	2,62
25. Eu não consigo fazer uma refeição sem utilizar o <i>smartphone</i>	1,94
MÉDIA GERAL	2,61

Fonte: Dados da pesquisa.

A Abstinência para o uso de *Smartphone* é um sintoma especial (LIN et al., 2014), descrito como um sintoma único por causa da portabilidade e a possibilidade de levar o aparelho celular para todo lugar, dificultando a avaliação de que usuários de *smartphone* sofram por abstinência. Isso pode justificar a média geral baixa de Síndrome de Abstinência, de 2,61 (Tabela 6), pois os respondentes podem não ter a oportunidade de experienciar a retirada do aparelho por causa da sua portabilidade.

A Tolerância foi definida como o gasto de mais e mais tempo no uso de *smartphone*, sendo que este uso se fez cada vez mais presente na vida dos indivíduos desde a chegada do aparelho ao mercado (LIN et al., 2014). A tabela que se propõe a avaliar esse fator (Tabela 7), foi a que apresentou a média geral mais alta, de 3,10, e as maiores médias parciais comparando-se com as outras tabelas, sendo que as questões “Eu acho que eu tenho ficado cada vez mais tempo conectado ao *smartphone*” e “Já me disseram mais de uma vez que eu passo tempo demais no *smartphone*”, tiveram os scores 3,52 e 3,06, respectivamente.

Tabela 7 – Síndrome de Tolerância

QUESTÃO	MÉDIA
1. Já me disseram mais de uma vez que eu passo tempo demais no <i>smartphone</i>	3,06
3. Eu acho que eu tenho ficado cada vez mais tempo conectado ao <i>smartphone</i>	3,52
9. Eu tenho aumentado consideravelmente o tempo gasto usando o <i>smartphone</i> nos últimos 3 meses	2,71
MÉDIA GERAL	3,10

Fonte: Dados coletados pelos próprios autores.

Dessa forma, como o uso do *smartphone* vem se tornando cada vez mais presente no cotidiano dos estudantes universitários, e os seus benefícios são notórios, de sorte que, o seu uso é inevitável para a manutenção das atividades acadêmicas diárias, essa necessidade de se usar cada vez mais o dispositivo pode ser justificada por conta dessas demandas, tornando-se assim uma dependência funcional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi iniciada buscando compreender melhor a história da invenção do *smartphone* assim como sua evolução e sua utilização até os dias de hoje. Através da revisão de literatura, pôde-se constatar que desde o seu surgimento, o *smartphone* tem se tornado cada vez mais presente na vida das pessoas, seja para o entretenimento, auxiliar nas atividades laborais ou na própria organização pessoal, funcionando muitas vezes como uma extensão do corpo humano.

Sendo essa pesquisa de caráter exploratório, foi possível verificar a dependência de *smartphone* na população universitária, como seu uso é feito e como este dispositivo está presente na vida dos usuários. Apesar de que as pesquisas iniciais apontavam para um crescimento de aquisição de aparelhos celulares e seu uso desadaptativo, essas informações não foram compatíveis com o resultado dessa pesquisa.

Os *scores* de três dos quatro construtos avaliados pelo instrumento utilizado para rastrear a dependência de *smartphones* (SPAI - *Smartphone Addiction Inventory*) não foram suficientemente altos para afirmar a ideia de que jovens universitários faziam uso

desadaptativo de *smartphones* ou que era um uso disfuncional. A Tolerância, construto que obteve média mais alta, definida como o gasto de mais e mais tempo utilizando o *smartphone* foi visto como uma dependência funcional, visto que o *smartphone* é essencial para a realização de atividades diárias, comunicação e acesso à informação, ações que são essenciais para que os estudantes universitários possam ter êxito no atendimento de suas demandas. Já o questionário sociodemográfico adaptado mostrou em que momentos os respondentes mais usam o *smartphone*, com que finalidade e quais funções mais utilizam, mostrando os benefícios e a funcionalidade de ter um dispositivo móvel sempre à mão.

Sendo assim, apesar da não constatação de relação de dependência do *smartphone* nessa mostra investigada, que pode ser explicada pelo título da pesquisa, porque este pode ter enviesado a leitura que os participantes fizeram de si mesmos ao responderem o questionário, sugere-se que mais estudos e pesquisas sejam feitas para averiguar outras populações ou populações mais heterogêneas, pois o aumento de abordagens e produções sobre esse assunto pode contribuir para a composição dos critérios nosológicos para classificação correta desse fenômeno e posteriormente desenvolver mecanismos para lidar com o excesso de uso ou, quando ocorrer, uso desadaptativo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAMBOZZI, L. Aproximações arriscadas entre *site-specific* e artes locativas. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Org.). **Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 109-121. Disponível em: http://poscom.ufba.br/arquivos/livro_Comunicacao_Mobilidade_AndreLemos.pdf. Acesso em: 22 out. 2018.

COUTINHO, G. L. **A era dos smartphones: Um estudo exploratório sobre o uso dos smartphones no Brasil**. 2014. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Publicidade e Propaganda, Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9405/1/2014_GustavoLeuzingerCoutinho.pdf. Acesso em: 22 out. 2018.

GIGLIOTTI, A; GUIMARÃES, A. **Dependência, compulsão e impulsividade**. Rio de Janeiro: Rubio, 2007. Disponível em: https://issuu.com/editorarubio/docs/issuu_depend__ncia__compuls__o_e_im. Acesso em: 31 maio 2019.

INTERNATIONAL DATA CORPORATION. **Após dois anos, mercado de smartphones cresce em 2017 e atinge o segundo melhor desempenho de vendas**: Estudo da IDC Brasil mostra também que o mercado de smartphone premium está em alta, enquanto o de feature phones está em declínio. Disponível em: <http://br.idclatin.com/releases/news.aspx?id=2312>. Acesso em: 22 out. 2018.

JORDÃO, F. **História**: a evolução do celular. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/celular/2140-historia-a-evolucao-do-celular.htm>. Acesso em: 22 out. 2018.

KAIESKI, N; GRINGS, J. A.; FETTER, S. A. Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do whatsapp. **Renote**, v. 13, n. 2, p.1-10, 6 jan. 2016. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1679-1916.61411>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/61411/36314>. Acesso em: 01 maio 2019.

KHOURY, J. M. **Tradução, adaptação cultural e validação de uma versão brasileira do questionário Smartphone Addiction Inventory (SPAI) para o rastreamento de dependência de smartphone**. 2016. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-AK4MLE>. Acesso em: 22 out. 2018.

LEMOS, A. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, Mídia e Consumo**: Comunicação e cidade, São Paulo, v. 4, n. 11, p.23-40, jul. 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/97/98>. Acesso em: 01 jun. 2019.

LIN, Y.H. et al. Development and validation of the Smartphone Addiction Inventory (SPAI). **Plos One**, v. 9, n. 6, p.1-5, 4 jun. 2014. Public Library of Science (PLoS). Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article/file?id=10.1371/journal.pone.0098312&type=printable>. Acesso em: 01 jun. 2019.

MICROLINS. **Linha do tempo**: a evolução dos celulares. 2017. Disponível em: <https://www.microlins.com.br/noticias/tecnologia/linha-do-tempo-a-evolucao-dos-celulares>. Acesso em: 01 jun. 2019.

MOROMIZATO, M. S. et al. O uso de internet e redes sociais e a relação com indícios de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s.l.], v. 41, n. 4, p.497-504, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000400497&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 jun. 2019.

PICON, F. et al. Precisamos falar sobre tecnologia: caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 17, n. 2, p.44-60, ago. 2015. Disponível em: http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=177. Acesso em: 22 out. 2018.

PIRES, G. T. S. Câmeras wearables: reflexões sobre uma possível memória fotográfica. **Temática**, v. 11, n. 1, p.158-169, jan. 2015. Mensal. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/22687/12552>. Acesso em: 01 jun. 2019.

YOUNG, K.S. ABREU, C.N. **Dependência de Internet – Manual e Guia de Avaliação e Tratamento**. Brasil: ArtMed, 2011. p. 169-172.